

# Relações da educação e a dependência química: Propostas de intervenção através da afetividade na prevenção do uso de drogas

Aparecida Graciele de Almeida<sup>1</sup>

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

Vários indicadores mostram que o consumo de drogas tem atingido formas e proporções preocupantes no decorrer deste século, sobretudo nas últimas décadas. As consequências do uso abusivo de substâncias psicoativas são percebidas nas várias interfaces da vida social, ou seja, na família, na escola, no trabalho, na saúde, no trânsito, no aumento da criminalidade. Este artigo pretende abordar o papel do desenvolvimento da afetividade na escola como forma de construção de medidas preventivas a adesão de crianças e adolescentes ao uso das drogas, através da ação dos professores dentro das salas de aula. Não é atividade fácil afastar uma pessoa do uso de drogas psicoativas, logo a prevenção é a melhor forma de evitar a dependência química. Por entender que a fragilidade dos vínculos familiares é uma das condições que levam o jovem ao uso abusivo das drogas, e pela escola ser uma das instituições que acompanham o indivíduo ao longo de seu crescimento e desenvolvimento, pode-se apontar este ambiente como tendo um papel importante no estabelecimento de medidas capazes de resgatar muitos jovens, antes que estes iniciem no mundo das drogas. Fez-se um percurso necessário para a compreensão do espaço que as drogas ocupam na vida do ser humano ao longo dos tempos, assim como a compreensão do que é a dependência química e seu complexo reflexo na vida dos seres humanos. A vulnerabilidade aditiva foi abordada por ser uma patologia comum nos dias atuais, que também pode levar a dependência química. Esta pesquisa foi bibliográfica, baseada em artigos, livros e revistas com publicações que variaram de 1969 a 2015. Acredita-se, efetivamente, que se pode alterar o curso da história de muitos jovens, através da formação de vínculos entre os jovens, entre jovens e professores e entre os jovens e seus familiares. Há que não se concentrar apenas em conteúdos programáticos, todavia, atentar para a formação de laços humanos, capazes de alterar o rumo da vida de muitas crianças e adolescentes, que estão em situação de risco e, frequentam o ambiente escolar. Sendo a educação e a atuação do professor, verdadeiros instrumentos de transformação dos seres humanos.

**PALAVRAS-CHAVES:** afetividade na escola; dependência química; educação; patologia aditiva; uso e abuso de drogas.

<sup>1</sup> Trabalha na Educação Municipal do Ensino Fundamental I é pedagoga e Especialista em Alfabetização e Letramento.

<sup>2</sup> Especialista em Neuropsicopedagogia e Neuropedagogia, tem Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFSCAR e Abordagem Interdisciplinar ao usuário de crack e seus familiares pelo Programa Nacional Telessaúde Brasil Redes - UERJ Núcleo Técnico Científico do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [douglasabreupestana@usp.br](mailto:douglasabreupestana@usp.br)

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição que faz parte da história de vida da maioria dos seres humanos. É importante afirmar, que se costuma naturalizar a forma de pensar e organizar a instituição escolar. Inclusive, deixa-se de encará-la como uma construção social, influenciada pelo momento histórico, cultura e costumes (CANDAU, 2013), para se fazer uma escola mecânica, repetitiva e desprovida de vínculos afetivos.

A sociedade moderna, apesar de valorizar fortemente a escolarização foi se afastando da educação integral, que se preocupa com a formação do ser humano como um todo. Freire (2013, p. 138) afirma que "a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade". Apesar de atribuir a escola um papel redentor, o fato de centrar a educação na aquisição e acúmulo de informações e conhecimentos, faz a escola se distanciar do ser humano e, acirra os conflitos intraescolares.

A ideologia Neoliberalista forja uma educação tecnicista onde o educador é apenas um treinador, transferidor de saberes, exercitador de destrezas (FREIRE, 2013). Todavia, educar é uma condição fundante do ser humano e indissociável do contexto histórico e da construção da afetividade das pessoas.

Freire (2013) afirma com propriedade que ao lidar-se com crianças, jovens ou adultos, na verdade, o educador lida com pessoas em processo de busca, em crescimento e, que o ser humano é capaz de distorcer-se, avançar, recuar, transgredir e superar-se. Enfim, pessoas nunca estão finalizadas, encontram-se em constante processo de mudança e crescimento.

Nos tempos atuais, o uso e abuso de substâncias, transformou-se em um grave problema de saúde pública, em praticamente todos os países do mundo e, discutir sobre a dependência química, tornou-se imprescindível.

Cada vez um número maior de jovens e adultos encontra-se em situação de uso abusivo de substâncias psicoativas, na tentativa de adaptação ao sofrimento psíquico e à dor emocional; as drogas funcionam como uma prótese estrutural da personalidade (WIEDER & KAPLAN, 1969).

Pode-se dizer que a dependência faz parte da natureza humana, uma vez que toda a natureza humana é permeada por estados de dependência. Durante sua vida o homem cria relações de dependência com objetos, pessoas, situações, substâncias. E algumas dessas relações são extremamente importantes para seu bem-estar e desenvolvimento, enquanto outras, causam prejuízos e perda de autonomia e vínculos familiares.

Vínculos extremos podem ser construídos com a droga em substituição a vínculos pessoais perdidos com familiares e amigos. O ser humano precisa se sentir pertencente a um grupo. O homem é um ser gregário, por natureza e, como afirma Ibañez (apud BERGAMO, 2015, p. 24) "a família é o primeiro núcleo de proteção social". Para dar suporte a família é vital conhecer a condição e as relações existentes dentro do grupo familiar.

Nas últimas décadas, uma nova concepção de saúde, extrapolou o conceito puramente biológico, de ausência de doença, e passou-se a considerar a interação entre diversos fatores biopsicossociais, como propiciadores de doença. E a dependência química, mesmo considerada sob um novo prisma, pode acabar por transformar-se em doença, quando o uso abusivo é capaz de afastar o indivíduo de sua vida pessoal progressiva e trazer transtornos físicos ao indivíduo.

Neste contexto, a escola surge como instituição importante na luta contra o estabelecimento da dependência química e o fortalecimento dos laços afetivos, muitas vezes fragilizados por problemas sociais e econômicos. O educador coloca-se, então, como artífice de almas humanas.

Quando se volta para o tema dependência química, percebe-se que a escola tem sido palco de grandes embates e surgem inúmeros questionamentos. Pode a escola contribuir para desviar o jovem das drogas? É a escola capaz de incentivar *comportamentos aditivos*<sup>1</sup> que substituam o uso de drogas? Como trabalhar a afetividade dentro da escola para fortalecer os jovens? E, é nesta seara que se

---

<sup>1</sup> São hábitos que levam a pessoa a estabelecer um vínculo estreito com algum fato, objeto ou substância. Este vínculo se estabelece a partir da interação da pessoa com o objeto, a pessoa, suas características e o contexto sócio econômico cultural onde estão inseridos (<http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/CompAdit.htm>).  
Consulta em: 31/10/2015)

pretende adentrar, a fim de se compreender um pouco mais sobre a dependência química, o dependente, as relações do drogadito<sup>2</sup> com a droga e o papel que a escola pode desempenhar neste processo.

## 2 USO DE DROGAS E DEPENDÊNCIA QUÍMICA

O uso de drogas que alteram o estado mental dos seres humanos acontece há milhares de anos seja por motivos culturais, religiosos, recreativos ou como forma de enfrentar os problemas do dia a dia. Assim, não está incorreto afirmar que "o homem sempre se relacionou com as drogas" (SENAD, 2013, p. 45).

A utilização de substâncias psicoativas pode variar muito de pessoa para pessoa. Dependendo do contexto, pode ser inofensiva, momentânea ou assumir padrões de utilização altamente disfuncionais, que ocasionam prejuízos biopsicossociais para o indivíduo.

Pode-se definir *uso de drogas*<sup>3</sup> como "a autoadministração de qualquer quantidade de substância psicoativa" (SENAD, 2013, p. 49). Já o *abuso de drogas*<sup>4</sup> é "o padrão de uso que aumenta o risco de consequências prejudiciais ao usuário" (SENAD, 2013, p. 50).

Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID) o uso nocivo de drogas refere-se à situação em que o indivíduo acaba por ter dano físico ou mental pelo uso de substâncias psicoativas. Já o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) utiliza o termo *abuso*<sup>5</sup> com o intuito de englobar também os danos sociais causado pelo uso das drogas.

O termo *dependência química*<sup>6</sup> é definido em função da frequência, quantidade consumida e tempo para o consumo ocorrer, ou seja, a quantidade

---

<sup>2</sup> Dependente. Toxicômano. Fármaco dependente. Dependente químico.

<sup>3</sup> Grifo do autor do artigo.

<sup>4</sup> Grifo do autor do artigo.

<sup>5</sup> Grifo do auto do artigo.

<sup>6</sup> Grifo do auto do artigo.

progressivamente maior do uso de uma substância psicoativa, desejo persistente pelo consumo da droga, uso contínuo, afastamento das atividades laborativas e sociais. A maior parte do tempo do indivíduo é gasta no intuito de conseguir e consumir a droga.

Assim, pode-se afirmar que a *dependência química* compromete a capacidade do indivíduo administrar sua vida pessoal e social, e leva a evidências claras das consequências nocivas do uso compulsivo da droga.

Pratta & Santos (2009, p. 208) destacam:

(...) a dependência química deve ser tratada simultaneamente como uma doença médica crônica e como um problema social. Pode ser caracterizada como um estado mental e, muitas vezes, físico que resulta da interação entre um organismo vivo e uma droga, gerando uma compulsão por tomar a substância e experimentar seu efeito psíquico e, às vezes, evitar o desconforto provocado por sua ausência. Não basta, portanto, identificar e tratar os sintomas, mas sim, identificar as consequências e os motivos que levaram à mesma, pensando o indivíduo em sua totalidade, para que se possa oferecer outros referenciais e subsídios que gerem mudanças de comportamento em relação à questão da droga.

Segundo Johnson (2003, p. 29) “nós devemos saber mais sobre os 'porquês' das pessoas exporem os seus cérebros de modo repetitivo a produtos químicos potencialmente destrutivos”.

### **3 PESSOAS ADICTAS, PATOLOGIA ADITIVA**

A *adicação*<sup>7</sup> pode ser definida como uma dependência física e psicológica em relação a determinadas substâncias, atividades e relações. Através desta dependência o indivíduo procura um estado de gratificação imediata de suas tensões internas, necessidade de proximidade e aceitação.

Pessoas podem se tornar adictas não somente de substâncias psicoativas, mas também de relações afetivas desgastantes, de jogo, de sexo, de trabalho, de

---

<sup>7</sup> Grifo do autor do artigo.

exercício físico, de compras, de internet, de comer demasiadamente. Tudo na tentativa de preencher algo que falta, de um vazio interior, de laços afetivos fragilizados.

A vulnerabilidade aditiva deve ser encarada como uma questão neurobiológica e psicológica, pois ela envolve fatores psicobiológicos que estão na base de perturbações do sentir, do pensar e do agir, acabando por influenciar a forma como a emocionalidade é experimentada e expressa pelos indivíduos (DAVID, 2012).

A *patologia aditiva*<sup>8</sup> é uma perturbação psiquiátrica persistente e devastadora, que atinge um grande número de jovens e de adultos, em fases de vida que deviam ser gratificantes e produtivas nas suas relações com o outro e com a sociedade de um modo geral.

A adolescência é uma fase em que o indivíduo pode apresentar comportamento adicto e, conseqüentemente, experienciar drogas e outros comportamentos, pois é um período de rápidas mudanças (físicas, biológicas, psicológicas e sociais), um momento do desenvolvimento, ao mesmo tempo fascinante e desafiante. Todavia é também uma fase recheada de momentos confusos e de frustrações, fase de maturação mental, quando se organizam, se sintetizam e se cristalizam os traços de personalidade e as qualidades e os defeitos, os quais irão constituir a estrutura do caráter do indivíduo. Pode-se dizer, então, que é uma fase de vulnerabilidade ao uso de drogas.

David (2012, p. 3) afirma que

(...) as principais motivações para as pessoas usarem substâncias psicoativas, passava pela sua necessidade de ajuda para lidarem com os afetos negativos (dolorosos) ou por elas sofrerem de situações mentais resultantes de perturbações emocionais e de outras perturbações psiquiátricas ou ainda devido ao fato destas substâncias psicoativas terem a particularidade de aliviar, em determinadas circunstâncias, o sofrimento psicológico.

---

<sup>8</sup> Grifo do autor do artigo.

#### 4 A ESCOLA, O JOVEM E AS DROGAS

A cada dia as políticas de assistência às crianças, adolescentes e jovens vêm se confrontando com o agravamento da situação de risco na qual essa população se encontra em todo o mundo. Esta realidade vem ocasionando evasão e dificuldades no aproveitamento escolar; violência dentro das escolas, desespero entre os professores e familiares, tendo como consequência a exposição dos jovens à violência, pelo uso de drogas e pelos conflitos com a lei.

Uma pessoa não começa a usar drogas por acaso ou por uma decisão isolada. Estudos mostram que o uso indevido de drogas é fruto de uma multiplicidade de fatores. Se por um lado a pessoa não nasce predestinada a usar drogas, também não as usa apenas por influência de amigos ou do traficante (CASTRO & ROSA, 2010)

Sudbrack (2003) apresenta que fatores de risco são aquelas circunstâncias sociais e/ou pessoais que a tornam vulneráveis a assumir comportamentos arriscados, como usar drogas. Fatores de proteção são aqueles que contrabalançam as vulnerabilidades, tomando a pessoa com menos chances de assumir esses comportamentos.

Logo, destaca-se a família, a escola, os pares e a comunidade onde o jovem vive. Observa-se que estas instituições possuem um papel fundamental como fatores de proteção, embora também possam agir como fatores de risco, caso exerçam influências que desestabilizem o jovem, levando-o ao consumo de drogas.

Sendo assim, a escola surge como uma instituição capaz de criar novos laços ou até mesmo reforçar os laços afetivos existentes. A escola pode trabalhar o jovem levando-o a um maior amadurecimento.

Na escola pode-se trabalhar as relações humanas. Relações são criadas entre amigos, pares, entre jovens e professores. Relações são tecidas. E uma relação nova criada entre jovens (pares) ou entre um jovem e um adulto (professor) pode servir de impedimento para o início do uso de drogas.

Conforme Estanislau et al (2014, p. 25):

Os professores têm uma condição privilegiada de observação do comportamento das crianças sob seus cuidados, pois as observam em uma grande variedade de situações, como atividades individuais dirigidas, atividades de trabalho grupal, atividades de lazer, durante a interação com outros adultos e com crianças de diversas idades. O fato de os professores terem experiência com um grande número de crianças possibilita a distinção entre os comportamentos esperados para uma faixa etária e comportamentos atípicos.

## **5 SAÚDE MENTAL, ESCOLAS E FAMÍLIA**

As últimas décadas de pesquisa revelam que transtornos mentais como transtornos de ansiedade, depressão e uso de substâncias psicoativas, afetam uma em cada três pessoas ao longo da vida, causando sério impacto emocional e econômico quando comparados às doenças cardiovasculares (ESTANISLAU, WEI, KUTCHER, 2014). Além disso, sabe-se que a maioria dos transtornos mentais têm seu início durante a infância e a adolescência, já que estes são períodos de grande instabilidade e crescimento.

Pode-se afirmar que o envolvimento da família com a educação de seus filhos é um fator crucial para o sucesso escolar, assim como para o desenvolvimento da emocionalidade do jovem. Assim sendo, a presença da família acompanhando os passos da criança e do jovem dentro da escola, expressando suas expectativas em relação ao desempenho dos jovens é um evento esperado e adaptativo. "A condição mais importante para que tal envolvimento ocorra é a boa comunicação com a escola, que consiste basicamente em um diálogo harmônico pautado no respeito e na colaboração (ESTANISLAU, 2014, p. 71).

Ao construir esta relação entre família e escola pode-se estar criando laços capazes de evitar que o jovem siga pelo caminho das drogas. Saber vincular-se aos pais e a familiares é uma habilidade imprescindível ao professor, no processo educativo e na criação e recriação de vínculos, capazes de fortalecer o jovem e afastá-lo das drogas.



Nesse sentido é necessário que o profissional reveja constantemente suas crenças e atitudes, pois preconceitos podem prejudicar sua capacidade de avaliação, e conseqüentemente, a abordagem e o manejo da situação com a família (ESTANISLAU, 2014).

O envolvimento da família com a escola é um processo complexo e fundamental para o fortalecimento dos vínculos da família com a criança ou jovem. A boa comunicação favorece o estabelecimento de soluções eficientes e evita a quebra dos vínculos familiares. O profissional da educação deve ter a preocupação de manter sempre esse laço capaz de livrar tantos jovens da dependência química, muito antes da mesma estabelecer-se, visto que é mais fácil agir de forma preventiva do que possibilitar que a dependência efetivamente se estabeleça.

## **6 A ESCOLA, O FORTALECIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS E AS DROGAS**

A afetividade<sup>9</sup> é fundamental para o desenvolvimento saudável do ser humano, assim como o afeto é indispensável para o ato de ensinar (RUBIO E MELLO, 2013). Foi através da implantação paulatina de uma educação tecnicista e fria, que se criou o mito de que educação e afetividade não devem se misturar. Faz-se mister perceber a importância de uma relação afetiva positiva entre professor e aluno, tanto para o desenvolvimento da aprendizagem, como para o fortalecimento individual da criança e do adolescente.

O professor não deve se preocupar apenas com a transmissão de conhecimentos e com o rendimento escolar, mas também em estabelecer uma relação afetiva saudável, capaz de propiciar o desenvolvimento integral do ser humano. O fortalecimento das relações afetivas dentro da escola pode resgatar

---

<sup>9</sup> O termo afetividade é derivado da palavra afeto e se refere às diversas emoções que uma pessoa pode demonstrar diante de diferentes situações. A afetividade pode ser definida como uma variedade de impulsos emocionais impossíveis de ser dominados e que constitui um substrato compartilhado por todas as pessoas (<http://www.conceitos.com>; consulta em 18/01/2016).

adolescentes, que por apresentarem vínculos frágeis nas relações familiares, estejam próximos de aderir às drogas.

Conforme Rubio e Mello (2013, p. 2)

A afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

Ainda de acordo com a psicogenética de Wallon (APUD LA TAILLE, 1992) a dimensão afetiva está no centro da construção da pessoa, tanto no que concerne ao conhecimento, como no que concerne ao desenvolvimento humano. E a afetividade torna-se fator fundamental no desenvolvimento do ser humano. Não se pode separar afetividade, cognição e inteligência (WALLON, VYGOTSKY, PIAGET APUD LA TAILLE, 1992).

Como bem define Alves (2000, p. 5) "ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais ...".

As interações, dentro da sala de aula, são construídas por variadas formas de atuação, que se estabelecem entre as partes envolvidas. A mediação do professor, sua forma de trabalhar, a relação que estabelece com os alunos, tudo faz parte de um processo constituído a partir do afeto, como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos, alunos e conteúdos estudados, professores e alunos e, entre os alunos e sua vida fora da escola, com familiares e amigos.

Rubio e Mello (2013, p. 9) citam

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir, discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação de pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

Destarte, a adicção às drogas pode resultar de vínculos afetivos rompidos, mal construídos, frágeis, devido a múltiplos fatores de ordem social, econômica, psicológica, o que pode objetivar o trabalho de reconstrução desses laços, no ambiente escolar, através das ações do professor, em sala de aula.

## **7 DISCUSSÃO**

Vive-se um século onde a compulsão foi transformada em vício. A procura de modelos a serem seguidos, conselhos, orientação transformou-se em vício. De acordo com BAUMAN (2001, p. 93) "... quanto mais se procura, mais se precisa e mais se sofre quando privado de novas doses da droga procurada. Como meio de aplacar a sede, todos os vícios são autodestrutivos; destroem a possibilidade de se chegar à satisfação".

Assim sendo, melhor seria jamais cair no vício, na dependência, pois abandonar a compulsão numa sociedade que normalmente já nos compele a costumes e vícios, é muito difícil. A compulsão pelo consumo é a marca registrada de nosso século, mesmo que esse consumo seja por drogas psicotrópicas.

Busca-se o prazer incessantemente. Procura-se extrair o máximo de amor e satisfação das relações evitando a nossa 'dependência' do parceiro amado, entretanto, para compensar essa 'independência' nos tornamos dependentes de situações, de objetos e de drogas. A ansiedade e o vazio interior marcam as relações pós modernas e levam os jovens a tornarem-se adictos de comportamentos, de posturas, de ideologias e de drogas.

A escola é uma das instituições mais antigas, mas ao mesmo tempo, mais atuante na vida dos indivíduos de nossa sociedade. A educação apesar de transformada pelo consumismo e, ao mesmo tempo revertida em produto, jamais deixa de ter a marca humana da afetividade. Onde existem pessoas existe encantamento e afetividade.

Desta feita, pode-se considerar a escola e a atuação do professor, como de fundamental importância para formar vínculos ou reavivar laços, capazes de desviar crianças e jovens do caminho da dependência química. A convivência dentro da escola continua a ter a marca do humano, e conseqüentemente, pode atuar como meio de transformação da pessoa.

Os jovens devem aprender a lidar com suas emoções e com suas dificuldades e problemas. A escola é um ambiente propício para se exercitar e refletir sobre nossos comportamentos. O estabelecimento de um modelo de prevenção poderá contribuir para que os indivíduos sejam capazes de se responsabilizar por si mesmos, a fim de que comportamentos de risco possam ser modificados.

Afinal o que mudou? Mudou a relação do homem com a droga. Mudou a finalidade do uso, do consumo. O ambiente que circunda os seres humanos foi de tal forma modificado que surgiram novas necessidades e o ser humano foi tomado pela ansiedade. No bojo dos benefícios da modernidade também os riscos, pois o ser humano vem perdendo a capacidade de administrar sua vida, enfrentar os riscos próprios da sobrevivência e lidar adequadamente com suas emoções e relações interpessoais.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A afetividade humana está em abrir e estender o olhar para dialogar, ensinar, aprender e viver. O ser humano é o produto de sua atividade histórica em seu meio social, que em interação com os outros, realiza, transforma e muda o curso de sua história. Acredita-se, efetivamente, que se pode alterar o curso da história de muitos jovens, através da formação de vínculos entre os jovens, entre jovens e professores e entre os jovens e seus familiares. Há que não se concentrar apenas em conteúdos programáticos, todavia, atentar para a formação de laços humanos, capazes de alterar o rumo da vida de muitas crianças e adolescentes, que estão em situação de risco e, frequentam o ambiente escolar. Sendo a educação e a atuação do professor, verdadeiros instrumentos de transformação dos seres humanos.

**REFERÊNCIAS:**

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 93.

BRASIL. **Prevenção do uso de drogas. Capacitação para Conselheiros e lideranças comunitárias.** Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Política sobre drogas. - 5. ed. - Brasília: SENAD, 2013, p. 45, 49, 50.

CANDAU, V. M. **Reinventar a escola.** 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

CASTRO, M. S.; ROSA, L. C. S. **PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS: ADOLESCÊNCIA, FAMÍLIA E ESCOLA.** Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí – UFPI. 2010.

DAVID, M. COMPREENDER A VULNERABILIDADE ADITIVA: Uma perspectiva neuro-psicanalítica. **IN: Revistaonline – Nova Serie.** 2012, p. 1-12.

ESTANISLAU, G. M. A Escola e a Família **IN: SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: o que os educadores devem saber.** ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 71.

ESTANISLAU, G. M.; CUNHA, G. R.; ROSÁRIO, M. C.; FLEITLICH-BILYK, B. Saúde e Transtornos mentais **IN: SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: o que os educadores devem saber.** ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 25.

ESTANISLAU, G. M.; KUTCHER, S.; WEI, Y. Educação em saúde mental: uma nova perspectiva **IN: SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: o que os educadores devem saber.** ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2014.

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 46ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, p. 138.
- IBAÑEZ, N. O efeito família. **IN: Revista Saúde é Vital. BERGAMO, K.** 398. ed. São Paulo: Abril Cultural, Dez / 2015, p. 24.
- JOHNSON, B. Understanding Addictive Vulnerability. **IN: Neuro-Psychoanalysis**, 5, 2003, p. 29-34.
- PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. **IN: Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Abr/Jun, Vol. 25, n. 2. 2009, p. 203-211.
- RUBIO, J. A. S.; MELLO, T. A importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **IN: Revista Eletrônica Saberes da Educação.** Vol. 4 - nº 1, 2013, p. 2, 9.
- SUDBRACK, M. F. O. et al (Org.). **O adolescente e as drogas no contexto da justiça.** Brasília: Plano, 2003, p. 307.
- WALLON, H. **Teorias Psicogenéticas em discussão. La Taille, y. et all.** 14. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- WALLON, H.; VYGOTSKY, L.; PIAGET, J. **Teorias Psicogenéticas em discussão. La Taille, Y. et all.** 14. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- WEIDER, H.; KAPLAN, E. Drug use in adolescents. **IN: Psychoanalytic Study of the Child**, 24. 1969, p. 399-431.